



## APRESENTAÇÃO

Naira Pinheiro dos Santos  
Tainah Biela Dias

Por que, ainda hoje, continuamos a nos debruçar sobre questões relativas a gênero e sexualidades no campo religioso? Mesmo após diversos embates no âmbito religioso, ou no campo da sociedade civil, tais questões ainda seriam necessárias? Historicamente, as religiões, e, sobretudo, as religiões cristãs, têm sido protagonistas nos debates suscitados no campo de representações de gênero e de sexualidades, como aquelas que buscam determinar o que é correto e o que é inadmissível. A despeito da vigência de posicionamentos conservadores e tradicionalistas, hoje o campo religioso brasileiro (mas não só) conta com uma vasta gama de discursos que divergem entre si. Como o leitor perceberá, os trabalhos contidos no presente número da *Mandrágora* nos remetem a uma espécie de *linha do tempo* que não se pretende linear, mas que aborda desde questões concernentes ao protagonismo das mulheres nas instituições religiosas à recente experiência de igrejas inclusivas para a população LGBTIQ e Teologias Queer.

No primeiro artigo *hors dossier* do presente número, intitulado “Sacerdócio Feminino: a Santa Sé frente aos desafios contemporâneos”, Ana Cândida Vieira Henriques retoma o debate da ordenação de mulheres ao sacerdócio, debate esse que se revela fundamental ainda na contemporaneidade, pela negação da legitimidade das mulheres enquanto lideranças religiosas dignas de compor a hierarquia da Igreja Católica. A autora aponta que, embora haja esforços do novo papado em dar certo destaque às mulheres, ainda o faz de forma limitada, permitindo a estas apenas a posição de diaconisas. Além disso, salienta que a postura da Igreja Católica em proibir o sacerdócio feminino conforma postura excludente e discriminatória.

Ainda no campo católico, no artigo intitulado “O papa e as questões da família: às voltas com gênero e orientação sexual”, Luís Corrêa Lima analisa posicionamentos do papa Francis-

co frente aos desafios que se apresentam à Igreja Católica devido à emergência de novas configurações familiares, sobretudo por conta da recém visibilidade da comunidade LGBTIQ e do reconhecimento de uniões homoafetivas em diversas partes do mundo. Assim, o autor demonstra como posicionamentos mais recentes do papa Francisco e aqueles surgidos no Sínodo dos Bispos contribuem para descortinar novos caminhos para as concepções da hierarquia católica no que se refere à família.

Os debates que envolvem religiões e sexualidades continuam, desta vez adentrando ao campo evangélico brasileiro, com “Amor (In)condicional: notas sobre o *coming out* em famílias evangélicas”, por Karine Gouvêa Pessôa. Em seu artigo, a autora objetiva apontar as tensões que perpassam as relações familiares nos processos de descoberta da homossexualidade dos/as filhos/as por parte de pais e mães evangélicos/as. Por meio da realização de entrevistas, a autora identifica reações variadas que vão desde agressões à procura de um maior entendimento sobre a homossexualidade do/a filho/a que é capaz de criar pequenas brechas frente ao discurso discriminatório, muitas vezes produzido e reproduzido no meio evangélico tradicional.

O artigo seguinte, “Vivências Religiosas Inclusivas Cristãs em Maringá e Curitiba, Paraná, e as Significações das Sexualidades” corrobora a afirmação de que o campo evangélico é vasto e diversificado em suas interpretações sobre as sexualidades. Analisando concepções de membros LGBT da Igreja Episcopal Anglicana (IEA) de Curitiba, e da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) de Maringá, Adriana Gelinski e Márcio José Ornat identificam a importância da espacialidade da igreja no processo de significação da sexualidade e de ressignificação religiosa por meio de trocas e vivências que possibilitam o rompimento com concepções hegemônicas de gênero e sexualidade e a “reconciliação com Deus”.

No artigo “Teologia e corporeidades queer em debate: um flâneur possível?”, Herlan José da Silva Smith e Taíssa Tavernard de Luca abordam os estudos queer em perspectiva histórica e conceitual, tratando de estabelecer conexão entre a teoria queer e discursos teológicos por meio da figura do *flâneur*, que representa corporeidades que transitam



constantemente como forma de negação de “identidades normativas hetero-cis-sexualizadas”. Assim, o passeio desses sujeitos subalternizados coloca desafios aos discursos religiosos hegemônicos, ao mesmo tempo em que propicia a formulação da própria religiosidade, liberta e igualmente fluida.

O presente número conta também com o artigo “Feminismo descolonial e religião em diálogo”, uma entrevista com Anete Roese realizada por Letícia Aparecida Ferreira Lopes Rocha. Nela, entrevistadora e entrevistada discutem a importância dos estudos feministas descoloniais para a análise do fenômeno religioso. Tratam aí do surgimento do feminismo descolonial na América Latina, da posição ocupada por esta perspectiva na academia brasileira e do que o feminismo descolonial pode agregar tanto para os estudos feministas quanto para os estudos de religião em perspectiva feminista, na medida em que se ocupa da produção de um discurso contra-hegemônico a partir de grupos historicamente colonizados e marginalizados.

Além dos artigos já citados, este número conta também com a resenha de Elaine Martins Donda sobre o livro “Rasgando o Verbo: Teologia feminista em foco”, organizado por Cláudio de Oliveira Ribeiro. O livro traz importantes e instigantes contribuições de autoras da teologia da libertação latino-americana, como Ivone Gebara, Elsa Tamez, Maria Clara Bingemer e Marcella Althaus-Reid, que abordam desde estudos de teologia feminista que analisam em ótica feminista a doutrina da justificação pela fé, a relação das mulheres com Deus e o androcentrismo da teologia hegemônica até abordagens *queer* que enfatizam o corpo e a sexualidade dos grupos marginalizados como os pontos de partida do fazer teológico.

Segue aos artigos e à resenha aqui apresentados, o dossiê “Gênero, Religião e Laicidades”.

Desejamos a todxs uma boa leitura!